



**Javier Callado Cobo**

## **O Caminho de Santiago na Espanha pré-românica**

O românico é um conjunto de estilos artísticos (cluniacense, cisterciense, lombardo...) que chegam ao noroeste peninsular a partir de 1060 aproximadamente. Portanto, falar de pré-românico nos remete a uma cronologia, não tanto a um estilo. O pré-românico é, portanto, uma etapa que acolhe um conjunto de estilos artísticos anteriores a uma mudança religiosa.

Por outro lado, sabemos que a descoberta do sepulcro de Santiago (seja lenda ou realidade) ocorreu durante a vida do rei de Oviedo Afonso II, em 813, em plena etapa pré-românica asturiana. Para honrar a descoberta, um templo de estilo asturiano teve que ser construído entre 820 e 830. Este templo seria sucedido por outro, também em estilo asturiano, mas maior, em 899. Posteriormente, após o ataque de Almanzor ao reino de Leão, um foi construído em pré-românico leonês em 1003. O último templo aparece como consequência da demolição de todas as catedrais pré-românicas no reino de Leão, como consequência do cisma de 1054 e da afiliação do reino às teses dos cismáticos romanos. Começaria em 1075, com Afonso VI de Leão e concluiria em 1211 com Afonso IX de Leão, mas esta catedral já será românica, seguindo o novo cânone religioso, o de Roma e a Abadia de Cluny.

As três sucessivas catedrais pré-românicas, já citadas, atraíram os fiéis como centro de peregrinação. Sem sabermos por que, a maior parte da cristandade peninsular, que estava nos vinte e um bispados andaluzes, não tomou Santiago como ponto de peregrinação. Peregrinos egípcios (coptas), sírios, gregos ou armênios, por exemplo, são citados. Seguiam a rota do norte da África, pela qual o cristianismo havia entrado na Hispânia, presumivelmente de Cartago, na atual Tunísia. Atravessavam o emirado de Córdoba até o túmulo do apóstolo Jacó. Aparecem na documentação peregrinos da Marca Hispânica também - os condados dos reis francos na península -, bem como transpirênicos provenientes da Aquitânia, Borgonha, etc.

Na etapa pré-românica, celebrava-se a festa de Santiago no dia 30 de dezembro, em pleno inverno, como ainda se faz em algumas aldeias do antigo reino leonês. A rota de peregrinação da África teve de seguir os caminhos que garantiam o cruzamento dos rios peninsulares no inverno, a Via de la Plata, de Sevilha a Astorga por Mérida, Alcántara, Salamanca, Zamora e Benavente, embora não possamos descartar a via portuguesa, utilizando barcos em algum caso, de Mérida até Lisboa, Coimbra, Aveiro, Porto, Ponte de Lima e Tuy. Com os patriarcas de Roma, mais tarde, a data da celebração seria transferida para o verão.



A rota do norte foi fixada para buscar territórios habitados e seguros. Em um primeiro momento teve que percorrer a costa cantábrica, passando pelos bispados que ficaram na Gallaecia após a chegada do emirado cordobês: Oviedo, recém-criado, Lugo, cabeça da igreja do reino naquele momento, Britonia, na costa norte da atual Foz, e Iria. Sedes episcopais como Astúrica, Legio ou a Auriense não seriam restauradas até anos depois, na segunda metade do século IX.

A partir de 900, Afonso III e, mais tarde, os reis com sede em Legio asseguraram boa parte do território até o Douro, o que teve de deslocar o caminho de peregrinação franco para o pé do monte cantábrico primeiro (o Caminho Esquecido), e para o caminho francês depois, na medida em que as cidades recuperavam a população, as muralhas e o comércio: Amaya, Castrum Sigerici, Saldania, Legio, Asturica, Bergida... Podemos considerar que foi nesta época quando aparece uma primeira tentativa de fixar o que hoje conhecemos como Caminho Francês. Mas na segunda metade do século X uma série de eventos desencadeou a reação do já Califado de Córdoba, que deslocou suas fronteiras para o norte. Castigava com contínuas incursões ao reino leonês e o caminho de peregrinação do norte teve que subir à pré-cordilheira Cantábrica novamente e, inclusive, recuperar a trilha que passava por Oveto, a antiga sede régia.

Na última etapa do pré-românico, a partir de 1010, o Califado se decompôs e os reis leoneses conseguiram estabilizar seu reino, com o que a estrada francesa se recuperou como a conhecemos hoje. A sede apostólica da Galécia, o noroeste hispânico, ganhou maior relevância, mas entrou em conflito com os patriarcas de Roma pela reivindicação de bispado apostólico. A autonomia dos cristãos andaluzes, encabeçados da sede de Toledo, e dos cristãos do norte, encabeçados pela sede composta, era incompatível com os ideais centralizadores dos monges de Cluny, que haviam ocupado a sede romana.

Sancha e Fernando, reis de Leão, reconstruíram o palatium regis leonês com pedreiros franceses por volta de 1060, mas construíram a capela palatina para o rito hispânico ou toledano, não para o romano. Embora negociassem com a nova igreja nascida do cisma, não estavam plenamente convencidos de abandonar os rituais e livros litúrgicos seculares de Toledo. Quando seu filho Afonso VI chega definitivamente ao poder, com a ajuda na sombra de sua irmã mais velha, Urraca, Roma é a escolha tomada. O Caminho de Santiago crescerá fulminantemente como um fenômeno político-religioso de referência no reino de Leão e no resto da Europa.

O Caminho de Santiago, forjado por dois séculos e meio na etapa pré-românica, salpicado então de edifícios cristãos multicoloridos, com arcos de ferradura e sem figuração escultórica visível, além do vegetal, viverá uma revolução artística, uma explosão de afluência humana e a criação de uma rota que misturou o religioso com o comercial e o político. Havia chegado o românico, o fim do pré-românico leonês e a decadência do mundo andaluz.